



O Arqueiro



Real



TULIO FERNEDA

O ARQUEIRO REAL

Tulio Ferneda

Ferneda, Tulio

O Arqueiro Real / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2021.

ISBN: 978-65-00-28364-8

1 Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.
I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

SUMÁRIO

Prólogo	4
Goblins da Montanha	5
Ladrões de Fazenda	18
Aranhas no Moinho	28
Mago Ilusionista	35
Golens de Pedra.....	51
Arqueiro Espelhado	64
Fogo, Gelo e Trovão.....	78
Dragão Sombrio.....	91
Epílogo	106

PRÓLOGO

Seres das sombras ameaçam o pacífico Reino de Auri e as terras vizinhas. Bravos heróis e heroínas se aventuram pelos caminhos perigosos — das montanhas de gelo do norte às minas abandonadas do sul — para enfrentar essas misteriosas criaturas em combate. Diz a lenda que elas assumem a forma que quiserem e se desmancham feito pó quando uma espada ou flecha atravessa seus corações.

Nessa época turbulenta, um jovem arqueiro está perto de completar seu treinamento. Seu desejo por aventura o levou a se tornar um aprendiz da guarda real do castelo. Mas só a determinação e a honra dirão até onde ele pode chegar.

GOBLINS DA MONTANHA

Era uma manhã ensolarada no Reino de Auri. O capitão da guarda real, Toni, tinha separado as missões para seus jovens aprendizes. Alguns deles estavam apenas começando o treinamento, então passariam o dia no pátio do castelo, praticando luta de espadas ou tiro com arco e flecha.

Não era o caso do arqueiro João. Ele já havia treinado por anos e sua pontaria estava realmente boa. Só faltava uma coisa para que se tornasse um arqueiro real: uma prova de valor. Ele deveria completar uma missão oficial para o reino, demonstrando habilidade, honra e coragem. O capitão da guarda entregou a João o pergaminho com sua missão:

— Goblins da montanha? — Perguntou João, ao ler sua tarefa no pergaminho.

— Exatamente. — Respondeu Toni. — Esses goblins apareceram nas montanhas ao norte do castelo. Eles ameaçam a vida do velho eremita que

mora na cabana ali perto. Sua missão é proteger o ancião, localizar o esconderijo dos goblins e derrotá-los.

— Sim, senhor. — Respondeu João, mantendo uma postura séria e profissional. Por dentro, ele estava muito ansioso, pois esta era sua grande chance. Não poderia falhar.

João vestiu sua cota de malha, equipou seu arco e a aljava de flechas e guardou sua poção de cura em um pequeno saco amarrado à cintura. Ele também comprou um escudo pequeno no ferreiro da cidade, um que pudesse facilmente fixar ao braço por uma alça. Afinal, esta seria sua primeira missão fora do castelo: era bom estar preparado.

Quando estava tudo pronto, atravessou os portões da cidade e caminhou para o norte, até a cabana do eremita. O local não era muito longe e, quando chegou, tudo parecia calmo. O jovem arqueiro bateu à porta e logo o ancião veio recebê-lo:

— Um arqueiro do reino? Que maravilha! Você veio me ajudar, meu jovem?

— Sim. Ouvi dizer que os goblins estão te ameaçando, senhor. Eu venho em missão oficial do castelo, para sua proteção.

— Você é muito corajoso, rapaz. Fico feliz que tenha vindo. Tenho algo que pode ajudar em sua missão. — Disse o eremita, abrindo um pequeno baú de madeira.

Do baú ele tirou um antigo elmo de guarda, uma peça de bronze bem polida, e o entregou a João:

— Tome. Pode ficar com o elmo. Era do meu querido filho, que Deus o tenha. Tenho certeza que será útil.

— Obrigado, senhor. — Disse João, aceitando o presente. Ele vestiu o elmo e se sentiu mais seguro com aquela proteção adicional. Agora, parecia que estava realmente pronto para a batalha.

João se despediu do ancião e se aventurou pelos caminhos sinuosos da montanha. Ele percorreu colinas e escalou rochedos, até chegar a um local suspeito: ali, havia uma passagem bem no meio e duas pedras enormes, uma de cada lado. Sentiu a presença de algo ou alguém ali perto. Observou o ambiente com cuidado, mas não viu nada.

Quando João deu dois passos à frente — passos cautelosos e em completo silêncio — acabou ficando exposto ao perigo: de súbito uma flecha atravessou a passagem, vinda em sua direção, mas João rolou para a esquerda e foi veloz o bastante para desviar. A flecha passou de raspão. O coração do arqueiro disparou e sua respiração ficou ofegante. Ele estava sentindo as emoções da batalha.

Ele se reposicionou, buscando a proteção de um arbusto, e conseguiu localizar o inimigo: era um goblin, que estava escondido atrás de uma das

pedras e parecia ser tão bom com o arco quanto um arqueiro do reino.

João se posicionou de joelhos, armou uma flecha e mirou com cuidado na silhueta da criatura. Ele atirou e quase acertou o ombro do goblin, que desviou por muito pouco. Nesse momento, outra flecha passou zunindo perto de sua cabeça, vinda do outro lado da passagem. Com certeza havia outro goblin por ali.

Foi uma situação difícil. Ele trocou flechas com os dois inimigos, desviando para um lado e para o outro, atirando sempre que tinha uma chance. Quando finalmente acertou um deles no peito, a criatura simplesmente se desmanchou, como se fosse feita de pó, desaparecendo na mesma hora. Aquilo foi impressionante. João ficou assustado e não sabia o que pensar.

O outro goblin correu para tentar pegar a aljava do companheiro que tinha sido derrotado. Possivelmente ele estava sem flechas. Mas João foi mais rápido: com habilidade, acertou uma flecha na

criatura enquanto ela corria atravessando o vão entre as pedras. O inimigo caiu ao ser atingido, desaparecendo feito sombra.

O coração de João batia com euforia. Ele se sentiu, pela primeira vez, um arqueiro em ação. Mas embora já soubesse das lendas que corriam pelo reino, sobre aqueles seres das sombras, encontrá-los de verdade era uma experiência muito diferente. Sentiu um medo real, pela primeira vez na vida. Mas a missão ainda não estava completa. Ele continuou a busca por aqueles lados da montanha.

Um pouco mais adiante, encontrou o acampamento dos goblins. No local, havia duas árvores grandes e uma tenda nos fundos. O que se seguiu foi um espetáculo de habilidade: João lutou contra três goblins ao mesmo tempo. Dois deles atacavam com arco e flecha, à distância, o outro com espada. O jovem arqueiro desviava dos ataques com agilidade, usava o escudo para bloquear os golpes e corria ao redor das árvores, se escondendo da mira das flechas com a proteção dos troncos.

Ele era mais veloz que seus inimigos e derrotou um a um, com flechadas em seus corações. Todos eles, ao receberem o golpe final, se desmancharam feito pó como seres de sombras. Era como se fossem fantasmas, mas seus ataques eram bem reais.

Tudo ficou em silêncio no acampamento. João escutava apenas o canto dos pássaros. Mas de repente, sentiu um tremor na terra e o som dos passos de uma enorme criatura. Era o líder dos goblins, que acabara de sair de trás da tenda: um guerreiro forte e assustador, duas vezes mais alto que o arqueiro.

Naquele momento, João soube que não seria capaz de derrotá-lo sozinho. Ele foi sábio e resolveu voltar ao castelo para buscar ajuda. Retornou pelo caminho das pedras, passou pela cabana do eremita

mais uma vez, e atravessou os campos floridos do reino de volta à cidade.

No castelo, relatou o ocorrido e explicou por que precisava de ajuda. O capitão da guarda admirou a decisão do aprendiz:

— Você fez muito bem, João. Foi uma sábia decisão pedir auxílio. Às vezes, a maior virtude de um herói é a humildade. A maior coragem é reconhecer os seus limites.

— Obrigado, senhor. Eu não poderia fazer isso sozinho. — Disse João.

— O arqueiro Oliver vai ajudá-lo a concluir a missão. Você estará muito bem acompanhado. — Disse Toni.

Oliver era um arqueiro um pouco mais experiente. Ele tinha concluído o treinamento há algum tempo e agora poderia ajudar o amigo. Os dois trocaram um aperto de mãos e um olhar resolutivo. João mostrou o caminho até o acampamento dos goblins.

O líder dos goblins estava lá, enfurecido. Os dois arqueiros se posicionaram, lado a lado, e a batalha começou. O inimigo parecia na verdade um ogro, armado com um pedaço de tronco. A fera começou a correr na direção deles, urrando e agitando sua arma com bravura. A cada passo que dava, sentia-se o estrondo provocado por seu peso.

João e Oliver começaram a atirar. Eles acertaram algumas flechas, mas elas pareciam causar pouco efeito. O monstro avançou na direção de Oliver e o atacou com um golpe do pesado tronco, mas o arqueiro desviou para o lado e a arma estatelou na grama.

— Dê a volta nele, João! Vamos cercá-lo. —
Sugeri Oliver.

João foi esperto e seguiu o conselho do amigo. Ele correu em semicírculo, se posicionando atrás da criatura.

Agora o goblin estava cercado e recebia flechadas, uma atrás da outra. Ele ficava cada vez mais enfurecido, mas conseguiu acertar Oliver uma vez. O arqueiro recebeu um soco do inimigo e foi lançado alguns metros para trás, sentindo o impacto do golpe e caindo no chão. Mas logo se recuperou, desviando de outro golpe que veio em seguida.

Aquele goblin era mais forte do que eles, mas os arqueiros eram mais velozes e tinham ótima precisão. Isso os colocou em vantagem na batalha. Em pouco tempo, suas flechas conseguiram derrubar a criatura. Ao cair de costas no chão, aquele goblin enorme desapareceu como sombra sob os raios de sol.

— Vencemos! — Comemorou Oliver, respirando profundamente, ainda sentindo o impacto do golpe. — Bom trabalho, amigo, você se saiu muito bem.

João ficou feliz com o elogio do arqueiro mais velho. Ele também agradeceu, pois Oliver se arriscou bastante naquela batalha para ajudá-lo:

— Obrigado, Oliver. Você foi muito rápido desviando daqueles golpes. — Disse João.

— Nós formamos uma boa dupla. — Reconheceu Oliver, sorrindo para o aprendiz. — Agora vamos, de volta ao castelo. Temos que dar as boas notícias ao capitão.

No caminho de volta, eles passaram pela cabana do eremita. O ancião estava do lado de fora e, quando os avistou de longe, sabia que a missão tinha sido um sucesso.

— Vocês conseguiram? — Perguntou o velho.

— Sim. Os goblins foram derrotados. Eles não vão mais incomodar, senhor. — Explicou João.

O velho sorriu, com bastante empolgação, e deu um forte abraço em cada um deles:

— Obrigado, muito obrigado! Não fazem ideia de como estou feliz! Posso viver em paz agora, sem medo daquelas criaturas.

João sentiu uma emoção muito positiva com o abraço do velho e com aquelas palavras. Era um sentimento puro, bom, uma mistura de dever cumprido e alegria ao ver que tinha feito a diferença na vida de alguém. Ele viu a gratidão nos olhos do eremita e soube que este era o verdadeiro significado de ser um arqueiro: dedicar sua vida a serviço das pessoas. Naquele momento, João aprendeu a sorrir com o coração.

Eles comeram uma sopa deliciosa que o ancião havia preparado e, por fim, se despediram:

— Qualquer problema, sabe onde nos encontrar. — Disse João, acenando para ele. Oliver repetiu o gesto e os dois partiram em direção ao castelo.

A caminhada foi pacífica, sem nenhuma surpresa. Eles puderam apreciar a beleza das árvores do campo, a graça dos esquilos que moravam por ali e o sopro do vento que passava no fim da tarde.

No castelo, o rei Baltazar em pessoa condecorou João com um broche especial: era um pequeno símbolo com uma flecha dourada, que foi fixado em sua cota de malha do lado esquerdo do peito. Aquele símbolo tinha um significado importante:

— João, aceite esta honra em nome do Reino de Auri. Você agora é um arqueiro oficial do reino, pois demonstrou habilidade, honra e coragem, provando seu valor. Use seu arco com sabedoria, como usei minha espada nos tempos da juventude: para defender os fracos e oprimidos.

João sentiu uma profunda felicidade. O capitão da guarda, Toni, olhou em seus olhos com um sorriso de aprovação. Oliver e os outros arqueiros do reino estavam presentes, festejando sua conquista. Os dias de treinamento tinham chegado ao fim e grandes aventuras esperavam por ele mundo afora.

LADRÕES DE FAZENDA

Era um dia tranquilo no castelo. João foi até a sala do capitão Toni e perguntou se havia alguma missão para ele. As missões oficiais do rei eram as mais difíceis: geralmente envolviam inimigos perigosos e suas recompensas em ouro chamavam a atenção dos cavaleiros e arqueiros da guarda.

— Hoje não temos nenhuma missão especial.
— Disse o capitão. — Mas não desanime. Em dias como este, aproveite para explorar o reino. Fique atento a qualquer pessoa ou movimentação suspeita nos arredores do castelo. Há sempre uma tarefa nobre à espera do herói observador.

João se equipou com flechas e uma poção de cura druida. Ele sempre saía do castelo com bons itens, para não ficar à mercê da sorte. Naquele dia, seguiu pela estrada ao sul em direção às fazendas de Auri.

Quando caminhava pela estrada de terra, um fazendeiro assustado veio correndo em direção à

cidade. O homem parou ofegante ao ver a figura de um arqueiro real. Ele precisou tomar um pouco de fôlego para se recuperar.

— O que aconteceu, bom homem? Algum problema? — Perguntou João, ao perceber que o fazendeiro estava com uma expressão de medo em seus olhos.

— Que bom que está aqui! — Disse o homem. — Ladrões! Um bando de ladrões invadiu minha fazenda. Eles estão armados e são perigosos. Por sorte minha esposa está na cidade com as crianças. Eu consegui fugir e estou indo até lá encontrá-la. Por favor, arqueiro, pegue esses bandidos!

— Eles são em quantos?

— São três ao todo. Um líder e dois capangas.

— Pode contar comigo. — Respondeu João, confiante. O fazendeiro seguiu seu caminho para a cidade, agradecido.

João já tinha lidado com um bando de goblins da montanha. Três ladrões de fazenda não deveriam dar muito trabalho. A maioria deles costumava fugir

ao ver cavaleiros ou arqueiros do reino. Mesmo assim, era bom ser cauteloso.

João chegou à fazenda por trás da pequena casa de madeira. Observou pela janela e viu que não havia ninguém no interior. Os ladrões deviam estar no campo ou no celeiro. Ele se aproximou do canto da casa com cuidado e espiou o terreno à sua frente, com uma flecha armada no arco pronta para atirar. Observar o ambiente era uma das lições mais importantes que tinha aprendido em seu treinamento.

Ele conseguiu ver de relance um vulto escondido, atrás de uma cerca de madeira, e outro agachado na plantação. Parecia que os ladrões também tinham notado sua presença. Não havia sinal do terceiro homem.

João resolveu tomar a iniciativa do combate. Ele mirou com cuidado, bem na estaca da cerca, e

disparou um tiro rápido e eficaz: a flecha acertou o muro bem perto do homem que estava ali. O ladrão se assustou e saiu do esconderijo apressado, ficando desprotegido. No mesmo instante, o companheiro dele se ergueu na plantação e tentou atirar uma pedra na direção de João. Mas o arqueiro desviou com facilidade.

A partir daquele momento, João tinha a vantagem no confronto: enquanto os dois ladrões ficaram expostos, ele voltou a se proteger atrás da casa e resolveu dar a volta na construção, para surpreendê-los.

O plano funcionou. Quando o arqueiro contornou a casa e apareceu no outro lado, os bandidos estavam confusos, tentando encontrá-lo. Ele então atirou duas flechas, uma para cada homem, com a intenção de assustá-los ou imobilizá-los, mas evitando os órgãos letais. A primeira atingiu a bota de um dos ladrões, provocando um ferimento em seu pé direito. A segunda passou de raspão na

perna do outro homem, cravando na grama ao seu lado com um forte impacto.

A habilidade comprovada do arqueiro deixou os dois capangas assustados. Eles finalmente viram o homem que atirava flechas tão bem. Logo reconheceram o uniforme da guarda real do castelo. No mesmo instante, saíram correndo a perder de vista.

Os capangas tinham fugido, mas o líder do bando não admitia derrota tão facilmente. Ele era um homem alto e corpulento, com braços fortes e uma expressão de poucos amigos. Ao ver o que o arqueiro tinha feito com seus companheiros, ficou enfurecido e saiu do celeiro, revelando sua posição.

João viu o homem aparecer de repente, ainda longe, do outro lado da plantação, mas correndo com velocidade em sua direção. Inicialmente ele não entendeu a estratégia do bandido, pois correr assim

a céu aberto, na direção de um arqueiro real, era pedir para tomar uma flechada.

Mas logo a intenção do ladrão ficou mais clara. Aquele homem era um exímio atirador de adagas e se aproximava de João correndo em zigue-zague, o que dificultava acertá-lo com uma flecha. Em certo momento, ele tirou uma faca da cintura e arremessou a arma afiada no arqueiro.

O arremesso foi mais habilidoso do que João esperava e ele teve pouco tempo para reagir. A adaga passou bem perto, fincando na parede de madeira da casa. O ladrão continuava correndo e estava cada vez mais perto.

João soube que precisava agir com rapidez. Em uma luta corpo a corpo, aquele homem forte teria vantagem. Ele então atirou uma flecha, mas o ladrão desviou do tiro com destreza. O arqueiro começou a correr pela frente da casa, com a intenção de se afastar do bandido.

Mas enquanto João corria, o inimigo atirou mais uma adaga em sua direção. A arma rodopiou

no ar e seu pesado cabo de metal acertou bem no elmo de bronze do arqueiro. Ele sentiu o impacto do golpe e, naquele instante, lembrou que o elmo tinha sido um presente do velho eremita. Um presente que, provavelmente, salvara sua vida.

Ao perceber a terceira adaga vindo em sua direção, João saltou para frente, dando uma cambalhota na grama. A adaga passou rente a ele e fincou na terra. Nesse instante, o ladrão parou para retirar a primeira adaga da parede da casa. Era a chance que João esperava: seu inimigo estava desarmado e parado, por um breve momento.

Aquele tempo foi suficiente. João se levantou, armou o arco com cuidado e mirou na perna do bandido. O tiro foi perfeito e acertou bem na canela do homem, fazendo-o cair no chão, imobilizado.

João recolheu as três adagas e se certificou que o homem não estava mais armado. Ele o amarrou com uma corda e, apontando uma flecha para ele, declarou sua sentença:

— Em nome do Reino de Auri, você será entregue à guarda real para ser julgado por seus atos.

Antes de levar o bandido ao castelo, João fez um curativo no ferimento do homem, provocado por sua própria flecha. O ladrão esbravejou e vociferou alguma coisa, que o arqueiro não pôde entender. Mas no fundo, estava surpreso com o tratamento que recebia. João manteve uma postura digna, firme, mas respeitosa e benevolente, pois era assim que todos os membros da guarda eram treinados.

Quando João chegou à cidade, uma salva de palmas tomou conta do povoado. Todos estavam felizes pela captura daquele homem que o arqueiro trazia amarrado, sob a vigilância do arco. O fazendeiro veio agradecer-lo pessoalmente:

— Obrigado, arqueiro! Você salvou minha fazenda, que é tudo o que eu tenho na vida. Que a boa fortuna esteja sempre com você!

João não sabia o quanto aquele bandido era famoso. No castelo, o capitão da guarda o parabenizou pelo grande feito:

— Isso é realmente incrível, meu rapaz.

— Eram apenas uns ladrões de fazenda. — Disse João, com humildade.

— Então você não sabe? Este homem é o famoso Duque das Adagas, um dos bandidos mais procurados da região nos últimos tempos. Ele já roubou muitos fazendeiros no reino vizinho e, recentemente, resolveu atuar por essas bandas. Você fez algo importante hoje, João. Este homem receberá um julgamento justo no tribunal do reino.

João recebeu a recompensa de duzentas moedas de ouro pela captura do Duque das Adagas. Ele ficou muito feliz com a quantia, é claro, pois estava juntando dinheiro para comprar uma armadura de bronze completa, que custava

quatrocentas moedas. E a sensação de trabalho feito sempre era recompensadora.

Mas algo a mais tomava conta de seus sentimentos naquele dia. Além da paz garantida por seus atos, um senso de justiça pairava no ar: um perigoso bandido tinha sido capturado, seria julgado com legítima oportunidade de defesa, e pagaria por seus crimes na prisão do castelo.

ARANHAS NO MOINHO

Depois da captura do famoso Duque das Adagas, João continuou vigiando as fazendas por algum tempo. Afinal, os dois capangas do bando tinham fugido e poderiam voltar. Então ele fazia rondas de observação nos arredores, para garantir que os ladrões não atacassem novamente. Se eles o vissem de longe, certamente fugiriam, e acabariam se mudando de vez para outro reino.

Foi numa dessas rondas que o velho padeiro veio falar com ele. O homem parecia aflito e, ao ver a figura do arqueiro, uma ponta de esperança se revelou em seus olhos.

— Posso ajudar, senhor? — Perguntou João, ao perceber que o homem tinha algum problema.

— Sua ajuda é uma benção, arqueiro.

— O que se passa?

— Hoje cedo fui ao moinho de vento, como sempre, para fazer a moagem do trigo. Qual não foi minha surpresa ao passar pela porta e notar a

presença de uma aranha gigante do lado de dentro! Ela apareceu ali da noite para o dia, não sei como. Juro que vi com meus próprios olhos!

— Uma aranha gigante, você diz? De que tamanho era? — Perguntou João.

— Bom, acho que do tamanho de um porco. — Respondeu o padeiro.

— Do tamanho de um porco? Ora, não é tão grande assim. — Ponderou João.

— Você já viu uma aranha do tamanho de um porco, rapaz? Para uma aranha, esse tamanho é bem assustador.

João considerou o que o homem estava dizendo e concluiu que ele tinha razão. A imagem de uma aranha daquelas proporções parecia agora um tanto assustadora em sua mente.

— Bom, não se preocupe com isso, bom homem. Eu vou dar um jeito nessa situação. — Garantiu João, confiante.

Depois de enfrentar goblins da montanha e capturar o Duque das Adagas, um dos bandidos

mais procurados do reino, uma aranha do tamanho de um porco não parecia muito ameaçadora. Ela não teria chance contra suas flechas.

João foi até o moinho de vento. Ele sempre passava por ali, mas agora o local parecia diferente. Era como se uma sombra tomasse conta dele, como se a construção estivesse mal assombrada. Ele afastou esses pensamentos, tomou coragem e entrou.

O ambiente estava um pouco escuro no interior. Mas ele conseguia enxergar com a ajuda dos poucos raios de sol que entravam pela janela. No chão não havia nada. Então, olhou para cima e, de repente, viu a aranha no canto do teto, perto da escada que levava ao piso superior.

Era de fato impressionante aquela criatura. Ao vê-la, João sentiu gelar sua espinha. Ela estava quieta, então ele aproveitou para armar uma flecha

e mirar com calma. Não tinha erro daquela distância: ele acertou o tiro na aranha e ela se desmanchou feito pó ao ser atingida.

Naquele instante, outras três aranhas surgiram descendo pela escada. Elas começaram a se espalhar pelas paredes, descendo em sua direção com a intenção de cercá-lo. João precisou agir rápido. Ele se lembrou de um treinamento que o capitão Toni sempre passava. Era um exercício de combate, no qual quatro ou cinco cavaleiros rodeavam um arqueiro, tentando golpeá-lo nas pernas com espadas de madeira. E o arqueiro devia desviar de todos os golpes. Ele nunca entendeu ao certo o propósito daquele treino, já que os arqueiros geralmente atacavam à distância. Mas agora, tudo fazia sentido.

As três aranhas que o cercaram, tentando atacá-lo com suas patas grossas ou mordidas, eram como as espadas de madeira do treino. João sabia o que fazer. Ele começou a saltar rapidamente de um lado para o outro, percorrendo toda a área do

ambiente, fazendo com que as aranhas errassem as investidas.

Ao mesmo tempo, atirou flechas rápidas. Não era preciso mirar com tanta precisão. Como as aranhas eram grandes e estavam bem perto, bastava atirar uma saraivada de flechas, mais ou menos na direção das criaturas, que ele acabaria acertando. Foi o que aconteceu: uma a uma ele as derrubou. As pontas metálicas das flechas acertaram aqueles seres asquerosos e todas elas desapareceram feito pó.

Ele inspecionou o moinho para garantir que não havia mais nenhuma aranha por ali. Quando soube que estava tudo certo, foi dar as boas notícias ao padeiro.

— Pronto. Você já pode moer o trigo, bom homem. — Disse João, satisfeito com a missão cumprida.

— Que maravilha! Você tem a minha gratidão, arqueiro. Quero que venha comigo e veja uma coisa, se tiver um tempo livre.

João não tinha nenhuma outra missão em vista, então podia aproveitar para descansar um pouco e dar atenção ao padeiro. O homem o conduziu até dentro do moinho e começou a explicar a importância daquele trabalho em sua vida:

— Veja bem, arqueiro. Você depende do seu arco para viver. Eu dependo do moinho. Aqui transformo o trigo em farinha. Com essa farinha, o leite e os ovos da fazenda, faço pão todos os dias. Esse pão é refeição para minha família e minha fonte de renda, pois vendo no mercado da cidade.

— Seu pão é delicioso. — Elogiou João.

— Obrigado. Esse pão é tudo em minha vida. Você entende o que fez por mim hoje? Você me devolveu o meu sustento, por isso sou grato.

— E o povo de Auri é grato pelos seus pães, senhor. — Disse João, devolvendo a gentileza.

— Com certeza. O trabalho do fazendeiro me serve, pois ele produz o leite, o ovo e o trigo. O meu trabalho serve a ele e a todos no reino, pois todos comem desse pão. O seu trabalho serve a todos nós, pois você nos protege dos perigos deste mundo. Este é o verdadeiro sentido de comunidade: um cuida do outro.

João se sentiu feliz ao perceber como era parte de uma comunidade. Ele passou a tarde com o padeiro e viu como era trabalhoso fazer um simples pão. Naquele dia, como nunca antes, o arqueiro entendeu o grande valor do trabalho das pessoas. Então, eles compartilharam uma refeição. No fim do dia, João se despediu, tomando seu rumo de volta ao castelo.